

Equilíbrio fiscal

A EQUIPE econômica mostra coerência ao descartar a possibilidade de novos choques. Esse tipo de intervencionismo sem dúvida não se coaduna com as convicções filosóficas do Ministro Marcílio Marques Moreira, e o próprio mercado, bombardeado por todo tipo de boato nas duas últimas semanas, parece estar se convencendo da sinceridade das autoridades. Com isso, até a preocupante alta nos preços arrefeceu.

NO diagnóstico oficial da crise, a falência do Estado é um dos pontos centrais. Há muito que se tem dito isso, mas grande parte da classe política e da alta burocracia sempre insistiu em voltar as costas ao problema. É por esta razão que ainda existe forte resistência à privatização e que o Congresso insiste em criar despesas sem localizar fontes equivalentes de receita.

UM ajuste fiscal é, sem dúvida, necessário — mas seria um erro se viesse apenas como meio de produzir aumento de receita. O Estado brasileiro ainda arca com muitas atribuições que não deveriam ser suas, e que exigem máquina administrativa dispendiosa (até mesmo por ser, quase sempre, ineficiente). E o ajuste fiscal não pode ser desvinculado de um reordenamento das funções do Estado.

NÃO há também como se promover um ajuste de alta envergadura (cita-se um valor, a ser obtido em dois anos, correspondente a 5% do Produto Interno Bruto; toda a receita do Governo não chega hoje a 10% do PIB) com medidas de efeito paliativo, de duração cada vez menor.

O EQUILÍBRIOS fiscal é a condição que sustenta um processo de estabilização (os exemplos da Bolívia e da Argentina deixam isso

bem claro). No entanto, uma inflação crônica, como a brasileira, faz com que a sociedade assuma a postura de São Tomé: só acredita vendendo. Nesse caso, a recuperação da credibilidade da moeda nacional depende de algum tipo de comprovação: é quase como numa aposta. No caso da Argentina, por exemplo, isto foi feito através do câmbio, já que o dólar era, efetivamente, a moeda em que os argentinos tinham confiança. No Brasil, uma parte do mercado tem apostado na inevitabilidade de novo choque, e o simples fato de não promovê-lo talvez seja uma das formas de se ganhar a aposta.

DA mesma forma como não houve razão para excesso de otimismo quanto ao combate à inflação, não há agora também porque exagerar no pessimismo em relação às possibilidades de superação da crise econômica.